

Por Ben Afkael

A Plendor, meu soberano, e ao velho homem solitário.

Todos os dias, os ventos da primavera batiam à porta por onde passavam os raios de luz do amanhecer, que anunciavam ao homem velho a hora de se levantar. Ele balbuciava gemidos em esforço para se erguer. Naquela manhã, vestiu suas botas como de costume e dirigiu-se à cozinha, onde preparava sua xícara de chá.

Após seu merecido desjejum, o homem velho se vestia para pastorear suas ovelhas. Assim fazia dia após dia, ano após ano. Era um solitário, cheio de boas memórias de um passado distante. Ao final do dia, seguia um rígido costume de subir o cume para se lavar no Sky Mirror, nome dado pelos moradores da região ao lago que ali se situava. O homem velho sentava-se à beira do lago com os olhos cansados, as costas doloridas e a respiração ofegante pelo esforço da subida. Ali, encarando a água, sentia a brisa suave que agitava as pequenas ondulações; via os peixes em cardumes vivendo suas vidas, o que trazia à memória os tempos em que seus filhos eram jovens e cheios de vida, quando sua casa era cheia de alegria — e ele, menos só.

Dia após dia, o homem velho conversava com o lago, encarando as estrelas como quem busca nelas algum rosto familiar, ou talvez uma resposta. Falava pouco, e quando falava, usava palavras simples, repletas de saudade.

Naquela colina, entre o murmúrio das flores, ele vivia os últimos momentos de seu dia observando o sol se pôr.

Foi numa noite de céu limpo — uma noite incomum, cujas estrelas escondiam-se do olhar — que algo mudou.

Ao aproximar-se do lago, notou pegadas: pequenas, leves e recentes. No centro da trilha, entre as pedras arredondadas pela chuva, jazia um corpo: uma jovem, adormecida ou desmaiada, com os pés descalços e o rosto encoberto pelos cabelos negros como

breu. Ela respirava vagarosamente; sua pele estava fria, como se tivesse caminhado por muito tempo.

Sem questionar, o homem velho se compadeceu. Trouxe-lhe uma garrafa de água, aqueceu folhas medicinais para o tornozelo inchado da jovem e ofereceu sua ajuda. A jovem aceitou com o olhar — parecia tê-lo aguardado.

O homem acendeu uma fogueira.

– Veja, está muito boa. A lenha de cima estala quando está bem seca. Lembro-me de ensinar isso ao meu filho mais velho... Ele achava que as árvores choravam quando queimavam... talvez chorem mesmo. Nunca tive certeza.

A jovem olhou para o fogo, encolhendo-se entre sua fina roupa.
– Seu filho... ele ainda vive?

O homem velho, tirando seu agasalho de lã, respondeu cobrindo-a:
– Vive... em minhas histórias, no som do vento entre as pedras... na memória dos carneiros, se é que eles lembram de algo...

Sorrindo, continuou:

– Morreu jovem, de uma febre que nenhum curandeiro soube explicar.

E, buscando algo para se acomodar, finalizou em suspiros, voltando-se para o lago:

– Teve um bom coração. Desses que a gente acha que o mundo não merece.

– Lamento... – disse a jovem.

A fogueira estalava com as chamas que subiam ao céu.

– Você fala com o lago... como se ele pudesse responder – ironizou a garota.

– E ele responde. Só que de um jeito diferente. Ele não usa palavras — ele devolve memórias. Às vezes, vejo o rosto da minha mulher ali. Às vezes, só vejo a solidão sorrindo de volta.

– Você parece solitário.

– Sou – respondeu ele. – Mas não triste. Há um tipo de silêncio que consola. Aprendi a viver com menos barulho depois que a casa ficou vazia.

Com um graveto em mãos, ajeitou a fogueira e prosseguiu:

– Tive três filhos. A mais nova... adorava correr no campo. Ria com um som que espantava os corvos.

Ela partiu cedo também. A dor vira parte da rotina, igual ao chá da manhã. Você é jovem, um dia vai entender...

– Por que me ajudou?

Uma breve pausa fez soar o silêncio.

– Porque me lembraste dela. Da maneira como não disseste nada, mas tudo em ti pedia por cuidado.

E também... porque não há ninguém mais para cuidar de mim.

Ajudar alguém, mesmo que por uma noite, me devolve um pouco de quem eu era.

– Você ainda é esse alguém – disse a jovem, com um toque amigo no joelho dele.

Olhando para o céu, naquela noite vazia e sem estrelas, o homem comentou:

– Essa noite não parece estranha? Nunca vi o céu assim... Talvez o céu tenha fechado os olhos, para escutar melhor a nossa conversa.

– Talvez esteja traçando novas histórias, como a de sua família – respondeu a jovem, sorrindo com esperança.

Riu-se o homem:

– Isso seria cortesia demais para um velho como eu.

E continuou:

– Mas você tem sido gentil, por me ouvir. Mesmo sem me conhecer...

– O senhor fala bonito – disse a jovem.

– É só costume. Converso muito com esse lago, tento escolher bem as palavras – finalizou, dando início à vez do silêncio.

Os ventos uivavam, os vagalumes brilhavam. O lago trazia paz, a fogueira trazia calor, e a jovem, companhia.

– Sabe... – disse o homem – se a senhorita quiser, pode vir aqui por mais algumas vezes. Tenho pouca comida, mas aqui eu tenho paz. E paz também é comida quando a alma tem fome.

– Obrigada – respondeu a jovem. – Por hoje... isso já é tudo o que eu precisava.

Ela levantou-se, tocando os ombros do homem. Caminhou em direção ao lago e mergulhou, desaparecendo entre as ondas. O homem levantou-se espantado ao perceber o reflexo das estrelas na água. Olhando para o céu, quase não acreditou — brilhava como as lágrimas de uma criança. Ajoelhou-se e chorou até seu coração se cansar.

Sentado à beira do lago, abraçava os joelhos enquanto dizia palavras de gratidão. Então, levantou-se e partiu, deixando ali seu coração, suas memórias, suas emoções e a fumaça de uma fogueira apagada.

Aquela foi sua última visita ao lago. De fato, uma nova estrela brilhou no céu naquela noite. O velho homem jamais foi visto outra vez.